

COMO A IGREJA DE CRISTO NA ATUALIDADE DEVE SER



"[12] Ora, assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim também com respeito a Cristo. [13] Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito. [14] O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos... [18] De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade... [20] Assim, há muitos membros, mas um só corpo... [26] Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele. [27] Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é

membro desse corpo." (1Coríntios 12.12-14, 18, 20, 26-27 – Nova Versão Internacional).

Dentre as muitas cenas que marcaram a minha vida, está a da festa de aniversário de uma senhora viúva que padecia de câncer linfático em estado bastante avançado. Mesmo com a mãe bastante doente, os filhos organizaram uma pequena celebração em comemoração aos seus sessenta e um anos de idade. Mas em determinado momento da festa, algo inusitado aconteceu. Enquanto os convidados presentes entoavam a tradicional canção “Parabéns a Você”, era notório no semblante de todos o constrangimento sentido ao cantarem “muitas felicidades, muitos anos de vida”. Não havia sinal algum de felicidade no rosto daquela senhora. Muito menos havia em seu semblante algum traço de esperança ou perspectiva de completar outro ano de vida. Naquela ocasião minha esposa comentou que nunca experimentara uma ambiência tão pesada e triste como a que havia naquela “festa”. Três meses depois, aquela mulher veio a falecer.

A experiência vivida naquele dia não foi algo singular em minha vida. A mesma cena se repetiu outras vezes. Mas em outro contexto – o eclesial. Fiz parte da membresia de algumas igrejas evangélicas que, à semelhança da senhora com câncer mencionada acima, há muito tempo deixaram de viver e passaram apenas a existir. Estão “cadavéricas” e à espera da morte, quando ela chegar. Na ocasião do aniversário de fundação dessas igrejas, não há motivos para comemoração. A ambiência nos cultos de celebração também é pesada e triste. A artificialidade no semblante dos membros – que se esforçam para ignorar a situação – também é nítida. Uma dessas igrejas já foi até dissolvida. O mais preocupante é que, realidades como as que citei, são cada vez mais comuns em diversas comunidades cristãs. De modo que, refletir sobre a realidade da igreja evangélica brasileira nos dias atuais, é algo cada vez mais complicado. Até porque nem toda igreja que se diz evangélica é, de fato, composta por evangélicos. Aliás, o termo “evangélico” deixou de ser algo que identifica os cristãos e se tornou em grife comercial. A igreja na atualidade está desatualizada, no que se refere à sua vocação e missão.

Em certa ocasião o Senhor Jesus ensinou aos Seus discípulos que eles seriam conhecidos pelos bons frutos que produzissem ao longo do caminho (cf. Mateus 7.16-20). Mas não era só isso. A produção dos frutos deveria ocorrer em abundância (cf. João 15.8). Além disso os frutos deveriam permanecer (cf. João 15.16). Se aplicarmos esses princípios à igreja evangélica brasileira, que tipo de frutos encontraremos? Frutos bons ou ruins? Outra questão: Assim como um determinado fruto é identificado pela forma, aroma e sabor característicos, de modo geral, como as igrejas evangélicas são identificadas pelas pessoas do seu entorno? Como elas são vistas e reconhecidas pela sociedade atual?

No ano de 2009, um grupo de ativistas denominado “Intervenção Rio de Janeiro” (localizado em Nova Iguaçu/RJ), fez a seguinte pergunta a vinte jovens de contexto pós-moderno: “O que você pensa sobre a igreja?”. Algumas respostas foram: “clube social cheio de regras”, “simples local”, “máquina de fazer dinheiro”, “lugar da ignorância”, “sistema carcerário”, “último lugar a se frequentar”, “onde se perde a vida”, “sistema político disfarçado”, “onde o extremismo reina”, “comércio espiritual”, “onde o mito se prevalece” etc.¹ Em 2011 o mesmo grupo repetiu a pergunta a outras vinte pessoas pós-modernistas. Infelizmente, após dois anos, a compreensão delas não mudou. Para elas a igreja “tem causado muitas guerras”, ela “separa e classifica as pessoas”, “discrimina os pensadores livres” e “as pessoas inofensivas com diferentes crenças e orientações sexuais”, é “cheia de contradições”, “confunde as pessoas”, só é “facilmente aceita por pessoas ingênuas”, “não permite que seus seguidores questionem”, “não explica a vida antes da vida”, “impedem as crianças de escolher no que querem acreditar”, “não respeitam uma as outras”, “une as pessoas pelos motivos errados” etc.²



As opiniões das pessoas entrevistadas – sobre a realidade da igreja – não são concepções desapaixonadas, isentas. Por mais que se negue, nenhuma pessoa pensa e discute teologia de forma “neutra”, isto é, sem conceitos, premissas e pressupostos. Toda pessoa interpreta a teologia a partir de uma visão crítica da própria realidade em que se vive. Como afirmam alguns cientistas sociais, somos produtos do meio em que vivemos. Somos o resultado dos nossos encontros. Somos quem somos por causa da forma como nos relacionamos. Sendo assim, a má qualidade do relacionamento da igreja com sua

membresia é uma das razões pelas quais ela enfrenta severa crise de identidade. Em linhas gerais, a

¹ **O QUE É IGREJA?.** Direção e produção: Intervenção Rio. Rio de Janeiro: Intervenção Rio de Janeiro, 2009. Online. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iCD9hm3kX6I>>. Acesso em: 16 abril 2016.

² **O QUE AS PESSOAS PENSAM SOBRE IGREJA.** Direção e produção: Intervenção Rio. Rio de Janeiro: Intervenção Rio de Janeiro, 2011. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R_AIO93QvyQ>. Acesso em: 16 abril 2016.

imagem que a igreja tem projetado de si mesma é a de uma igreja “tanque de guerra”: forte, autoritária, difícil de ser detida, insensível, inflexível, consegue passar por cima dos obstáculos e tem o poder de matar.

Ao contrário do que deveria ser, **a maioria das igrejas evangélicas não nasce mais por estratégia missionária, mas por divisão interna**, por divergências ideológicas ou relacionais irreconciliáveis. Muitas igrejas deixaram de ser a “comunidade dos santos” (cf. 1Coríntios 14.33) e passaram a ser, simplesmente, um ajuntamento de pessoas. Há cúpula em vez de corpo. As pregações se tornaram em discursos vazios, prolixos e repletos de promessas surreais; os momentos de cânticos se transformaram em shows. A espiritualidade da Igreja por vezes não passa de imagem fabricada, como um holograma.

Atualmente as igrejas evangélicas são vistas como locais para busca de soluções imediatas e/ou experiências místicas. **O número de gente que enche a igreja aumenta, mas a qualidade de vida do indivíduo, do lado de fora da igreja, está sempre piorando.** O que as pessoas fazem nas igrejas muitas vezes não serve para nada quando estão fora dela. A educação teológica ensinada em algumas dessas igrejas nem sempre é uma educação bíblica. Os projetos educacionais – quando existem – não possuem alvo definido. Visam apenas o momento e são feitos por pessoas quase sempre despreparadas.

Mas em vez de focar apenas a realidade da igreja evangélica presente em nossos dias, o objetivo desta reflexão também é abordar como a Igreja de Cristo na atualidade deve ser. Para isso, tomemos por base a descrição antropomórfica que o apóstolo Paulo faz da Igreja, quando ele a compara com a anatomia do corpo humano. Vejamos:

1. A Igreja de Cristo deve ser uma unidade composta pela multiplicidade de seus membros – *“Ora, assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim também com respeito a Cristo”* (v. 12).

Unidade é a qualidade daquilo que apresenta similitude, harmonia ou coerência com outros elementos da mesma espécie. Unidade é sinônimo de concordância, homogeneidade. Mas **unidade** é diferente de **uniformidade**, que é ausência de variedade, de diversidade, de multiplicidade. A Igreja, assim como o corpo físico, é uma unidade que também contém diferenças. Ela não representa a **reunião dos iguais**, mas a **união dos diferentes** que, a despeito de suas desigualdades, se unem em torno de uma estrutura maior – Cristo, o Cabeça da Igreja. A mesma vida espiritual existe em todos os cristãos. Ela se origina da mesma fonte, que sustenta a todos com a mesma energia, e os prepara para os mesmos hábitos e objetivos.

Ao contrário do que é ensinado em algumas igrejas, não existe cristão que seja mais “ungido” que outro. Na realidade, só existe uma pessoa que pode ser chamada assim: Jesus. O termo “ungido”,

na língua grega, é expresso pelo vocábulo *χριστός* (*christós*) – de onde temos a palavra “Cristo”. O Senhor Jesus é o único Ungido. Todos os cristãos estão, sem exceção e em igualdade de condições, debaixo da unção dEle. No reino de Deus não há espaço para classes hierárquicas de pessoas (cf. 1Pedro 2.5, 9).

Na Igreja de Cristo todos os membros são úteis, mesmo aqueles que possuem as mais diversas peculiaridades. No corpo de Cristo não há membros que sejam excedentes ou descartáveis. Todos ocupam lugar especial no coração de Deus e são vistos como unidade integral e indivisível. Afinal, “há muitos membros, mas um só corpo” (v. 20). Ainda assim, algumas vezes nos julgamos no direito de “amputar” alguns membros do Corpo ao qual pertencemos, mas que não detemos a propriedade, gerência ou exclusividade. Muitas vezes, sem qualquer cerimônia, amputamos uns aos outros, ou amputamo-nos uns dos outros. Todos nós somos parte de um único corpo. De maneira que nossas diferenças e peculiaridades são dádivas de Deus. Desde a criação dos primeiros seres humanos foi assim. Homem e mulher são seres humanos diferentes, mas que juntos compõem a humanidade. Ao criar a mulher para o homem (cf. Gênesis 2.18), Deus a fez “adequada” (cf. Almeida Século 21), que estivesse “como diante dele” (cf. Almeida Revista e Corrigida), “como defronte dele” (cf. Hebraica Stuttgartensia), do hebraico כְּנִגְדֵי (kenegdo = “contrário, diferente”)³, como a imagem que é refletida de forma inversa no espelho ou a soma de dois triângulos equiláteros com ângulos opostos, que juntos formam um quadrado. Muitas vezes tentamos uniformizar a multiplicidade da atuação do Espírito Santo na vida da Igreja através da mecanização dos seus membros.

2. A Igreja de Cristo deve ser caracterizada pelo acolhimento mútuo e incondicional dos seus membros – “Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres” (v. 13).

Foi o Espírito Santo quem mergulhou, imergiu, a cada um de nós no corpo místico de Cristo. Ninguém se torna membro do corpo de Cristo por obra ou mérito. É tão somente pela graça de Deus que passamos a fazer parte da Igreja de Cristo. Portanto, **quem chama Deus de Pai, não pode escolher irmão, seja ele pobre ou rico, versado ou ignorante, adeptos dos mesmos gostos ou inimigo das suas escolhas.** De modo que, **se temos dificuldade de chamar de irmão a quem Deus chama de filho, é possível que sejamos nós que não possamos chamar Deus de Pai.** Não há seletividade na comunhão dos santos. Foi o próprio “Deus quem dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade” (v. 18). Sem os membros não haveria corpo; este seria massa informe de carne. Essa massa teria unidade, mas nenhuma variedade de funções. É a existência e a interação dos vários membros que dão ao corpo o seu significado.

³ VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 188 p.

3. A Igreja de Cristo na atualidade deve viver e respirar a coletividade – *“O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos”* (v. 14).

Não há vida cristã no individualismo. Não há como um membro permanecer vivo se estiver desconectado do corpo. Vida cristã só se desenvolve em comunidade – observe no texto bíblico a pluralidade dos termos *“todos”* (v. 13), *“muitos”* (v.14), *“vocês”* (v. 27). **Quando alguém declara: “Individualmente, eu sou a Igreja”, essa declaração, ainda que bem-intencionada, não é bíblica, não é correta.** É como se quiséssemos formar grupos compostos por uma só pessoa. É algo impossível. **O conceito de igreja só subsiste na coletividade.**

Muitos anos antes do ministério do Senhor Jesus iniciar, o termo “igreja” já era usual. Naquela época era comum a existência dos “areópagos” – espécies de plataformas que funcionavam a céu aberto e onde os sábios, literatos e cientistas se reuniam para discutir assuntos políticos e religiosos. A essas reuniões se dava o nome de “igreja”. Isso porque o termo “igreja”, do grego *ἐκκλησία* (*ekklêsía*), significa *“chamados para fora [das suas casas]”*, resultando em uma “reunião”, “assembleia”, “congregação”. Foi dentro desse conceito que o Senhor Jesus declarou: *“Eu edificarei a minha ἐκκλησία (ekklêsía), e as portas do hades não prevalecerão contra ela.”* (Mateus 16:18b). É como se quisesse dizer: “Eu chamarei pessoas para fora de suas casas, não para fazerem fofoca uns dos outros, não para criticarem o pastor, não para discutirem política, religião ou dogmas denominacionais; serão pessoas que sairão de suas casas para proclamar a minha Palavra, estender mão ao necessitado, levantar quem está caído, consolar o atribulado e ser espelho que reflita a minha imagem nesta terra”.

Como afirmei anteriormente, não há grupo que seja composto por único indivíduo. Da mesma forma, só coletivamente é que somos o corpo místico de Cristo. Individualmente, somos apenas membros desse corpo (v. 27). Não fomos criados para vivermos isolados como ilhas. Precisamos uns dos outros. Viver a coletividade cristã é enxergar o próximo como Jesus enxergaria se estivesse em nosso lugar. Quando o Senhor Jesus olhava para as pessoas, ele enxergava gente que precisava de amor e compaixão, como a mulher adúltera, o ladrão da cruz, os coletores de impostos etc.

4. A Igreja de Cristo deve ser composta por membros e não por órgãos – *“Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo”* (v. 27).

O corpo de Cristo é composto exclusivamente por membros **relacionais** e não por órgãos **funcionais**. É através dos membros que o corpo se relaciona com o ambiente externo. Eles possuem ações externas, visíveis. Os órgãos, ao contrário, não têm qualquer ingerência no mundo exterior. Além disso, nenhum membro atua sem o comando diretivo do cérebro. Apenas órgãos fazem isso. Por fim, membros são dinâmicos – pés, por exemplo, andam, chutam, pisam; órgãos não. Além disso, enquanto o membro transporta o alimento para fortalecer o corpo, o órgão extrai a energia desse alimento.

5. A Igreja de Cristo dever ser sensível às dores e conquistas do próximo – *“Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele”* (v. 26).

As diferentes partes do corpo humano necessitam umas das outras, assim como os cristãos, individualmente precisam uns dos outros. Essa verdade é bem expressa por um provérbio africano que diz: “A mão esquerda lava a direita, e a mão direita lava a esquerda”. Mesmo aquelas partes que parecem fracas são necessárias e tratadas com muito maior honra. O projeto de Deus exige que todas as diferentes partes do corpo, tanto físico quanto da igreja, sejam cuidadosas umas com as outras, pois, como diz outro provérbio africano: “Só uma das mãos não pode levantar um fardo pesado”. Até a dor não existe para ser suportada em isolamento. Deus projetou o corpo humano e a Igreja para compartilharem a dor e a alegria de todos os membros (cf. Romanos 15.7; Efésios 4.32; Colossenses 3.16). Infelizmente, não é isso o que naturalmente acontece.

Por último, existe algo sobre o qual não podemos nos enganar. **Nem tudo o que está no corpo faz parte do corpo. Existem os nódulos, que incomodam e ocupam espaço indevido no organismo.** Quando partirmos deste mundo, que legado deixaremos para próxima geração? Produziremos saudades ou alívio no coração daqueles com os quais nos relacionamos? E hoje, o que geramos na vida do outro? Incômodo ou completude?

O hedonismo e egocentrismo ainda exercem grande domínio sobre a vida das pessoas. Temos dificuldades de enxergar além dos nossos próprios interesses e motivações pessoais. A dor do outro dificilmente nos constrange. Pelo contrário, nos irrita e cria em nós o desejo de se afastar da pessoa sofredora. Esse tipo de comportamento, porém, não é a marca da verdadeira Igreja de Cristo.

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 25/10/2015, na Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha, na ocasião do seu 33º aniversário de fundação - São Paulo/SP.